

## CAPELANIA HOSPITALAR NO MODELO INTER-FÉ - EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS

VI Seminário da Coalizão Inter-Fé em Saúde e Espiritualidade

20/OUT/2019 - Hospital Santa Catarina (São Paulo, SP)

### ORADORES

**Alexandre Massariol** - Presbítero católico da Diocese de Blumenau (SC). Graduado em Direito, Filosofia e Teologia; Mestrando em Biodireito pela Universidade de S. Paulo. Capelão do Hospital Santa Catarina.

**João Inácio Mildner** - Padre da Igreja Católica. Graduado em Filosofia e Teologia, Pós Graduação em Ética Teológica, especialização em Capelania Hospitalar. Capelão do Instituto de Infectologia Emilio Ribas.

**José Bizon** - Cônego Católico. Mestrado em Teologia. Professor Titular da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Assessor para o Diálogo Ecumênico e Inter-religioso na Arquidiocese de São Paulo.

**Joice Aline Klein** - Ministra Religiosa na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Graduada em Teologia. Capelã do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, membro do Comitê de Bioética e do Time de Cuidados Paliativos.

**Robson Mendes Pedroso** - Psicanalista clínico. Graduação em Teologia. Pós-graduado em Filosofia da Religião. Coordenador da Capelania Ecumênica e Membro da Comissão de Cuidados Paliativos da Santa Casa de Santos.

**Ryozan Sensei** - Monge Zen Budista da tradição Soto Shu, graduado Sensei. Membro fundador da Comunidade Zen Budista. Membro gestor do Fórum Estadual pela Liberdade de Crença. Mentor espiritual do Hospital Premier.

**Marcelo Saad** – Moderador, pela Coalizão Inter-Fé em Saúde e Espiritualidade

### TRANSCRIÇÃO DAS APRESENTAÇÕES

*(o tom coloquial de cada fala foi mantido)*

**Moderador:** Vamos falar sobre os obstáculos em capelania inter-fé: como ter uma apreciação profunda das crenças e valores do assistido, se as religiões são muitas, cada uma com diversas correntes, ainda tem fronteiras pouco claras entre elas, não são comparáveis ou intercambiáveis, e tem denominadores comuns pouco nítidos? Como é que nós podemos superar este obstáculo para fazer a capelania inter-fé?

**Padre Alexandre:** obrigado pela palavra; quero cumprimentar todos que se fazem presentes nesta mesa, saudar a todos que vieram refletir conosco sobre estes desafios da capelania. Como já foi dito eu sou o capelão do Hospital Santa Catarina, e nesta condição eu me sinto privilegiado. Nossa instituição já nasceu já com esta vocação da espiritualidade. Há mais de 100 anos, uma irmã, um monge e um médico, iluminados pelo evangelho, de maneira particular no que Jesus dizia em Mateus capítulo 25, “todas as vezes que vocês forem visitar alguém que esteja doente é a mim que você está visitando”. E eles, se deparando com este apelo do Evangelho, se deparando com as necessidades da cidade de São Paulo, começaram este trabalho. Desde o seu nascedouro, nós temos o privilégio de a espiritualidade estar presente no hospital. E desde lá, as irmãs da congregação Santa Catarina tem assumido com muito ardor, com muito dinamismo e com muita competência este trabalho na Instituição. Então, nós podemos dizer que aqui é um hospital em que se respira a espiritualidade católica, iluminados por Santa Catarina, por Madre Regina. Mas, não obstante esse veio católico, nós temos uma preocupação também em trabalhar, em transmitir esta espiritualidade aos colaboradores que não são católicos apenas, são de todos os ritos. Então, a nossa preocupação, mais do que olhar a religião, é focar a espiritualidade, que o católico, o budista, o ateu, todos nós temos. E eu dizia que somos privilegiados porque aqueles que vem aqui se internar, logo no início, são perguntados qual a sua religião. A grande maioria diz a sua religião, outros, talvez pelo estágio em que se encontrem ou pela família, acabam não dizendo a religião. E isso é muito bom para nós, que fazemos parte da equipe da pastoral da saúde no Hospital Santa Catarina. Todos os dias pela manhã, nós tiramos uma folha com o nome de todos aqueles que aqui estão internados. E nesta folha nós temos a religião à qual pertence a pessoa que aqui se interna. Em posse desse dado, eu já vou sabendo quando visitar, qual o tipo de abordagem eu devo fazer. Mesmo como padre, a minha preocupação é, claro, teológica, mas acima de tudo antropológica. É dizer: “eu como padre ou membros da pastoral estamos aqui para ficar ao seu lado nesse momento de enfermidade, nesse momento de dor, neste momento de sofrimento”. E nós, com passar do tempo, vamos criando olhos clínicos para perceber a necessidade, e cada um tem a sua necessidade específica. Aqui, quero render homenagem a minha colega Rosângela que está aqui no hospital, e trabalha comigo quando eu cheguei há 10 anos, ela me ensinou uma coisa que eu nunca esqueci. Ela dizia que cada quarto, cada leito, é um universo, e a partir desse universo nós devemos ter sensibilidade para responder a necessidade, o desafio daquilo que a pessoa está precisando. Então, o grande desafio não é levar uma receita pronta; se eu estou vendo aqui alguém que é isso, é que eu vou fazer isso. Vamos fazer a experiência de caminhada. Às vezes, aquilo que eu acredito que ela talvez esteja precisando não seja assim. Um exemplo: uma senhora que se internou aqui conosco, eu cheguei para visitá-la. E ela me

disse “Padre, eu estou com uma vontade de comer chocolate;mas o médico deixou eu comer o chocolate preto de leite,e eu queria comer chocolate branco;será que o senhor não daria um jeito”? E por acaso me deparei com o doutor, expliquei que tem essa situação, e ele respondeu:“é, pastor, sabe que não pode né?”. E eu:“sei, por isso que eu estou perguntando para o senhor”.Aí ele falou:“se o senhor comprar dessa marca aí, dessa forma,pode”. Fui correndo e comprei, levei um chocolate, que eu acredito que foi a melhor experiência de espiritualidade que essa pessoa teve na vida. Então, diante desses desafios, eu acredito que a terminologia é compaixão: “com pathos” é sofrer com, colocar-se ao lado de, ter sensibilidade para perceber a necessidade do outro.

**Robson Mendes Pedroso:** muito bem, concordo! É um prazer estar aqui, agradeço o convite e cumprimento o pessoal da mesa, e a todos vocês. Eu tenho um olhar multidisciplinar. Eu faço parte de uma equipe multidisciplinar de cuidados paliativos. Eu implantei o serviço de capelania ecumênica na rede AMIL Saúde, e uma das exigências é que não houvesse uma religião específica à frente do trabalho, para que pudéssemos aplicar escala de espiritualidade e publicar o conteúdo, para que fosse algo que realmente pudesse abranger todas as religiões. É um desafio realmente difícil. Quando nós fizemos esse teste, foi um teste minha contratação para eu fazer esse desafio, um profissional da saúde atender tantas religiões diferentes. E, para surpresa nossa, nós tivemos 1126 pacientes avaliados que a capelania visitou com essa abordagem e houve apenas seis recusas do atendimento, houve 99% de aceitação dessa abordagem. É lógico, essa capelania não faz atendimento sozinho. Nós contamos com os padres, pastores, com os monges budistas, com todas as representantes, da messiânica, de todas as religiões. Mas nós fazemos o primeiro atendimento e encontramos essa questão de avaliar qual é a religião do paciente. Como avaliar profundamente, como ser um conhecedor de todas as religiões com tanta diversidade que existe? Eu acho impossível. Não sei, meus colegas aqui, é muito difícil você pode conhecer muito. Você pode estudar e tem cursos ótimos, a filosofia da religião por exemplo, você pode estudar especificamente cada uma das regiões. Você vai ter um conhecimento muito bom sobre elas. Só que você vai perceber, às vezes, visitando os pacientes, que não era tão necessário aquilo. Como o padre disse, quando você entra no quarto do paciente, está escrito lá católico, às vezes você vai com a expectativa de um católico praticante, do católico para quem o catolicismo faz sentido, e que as estratégias de enfrentamento que existem nessa religião vão servir para ele. Mas às vezes o paciente é o católico mais sem vergonha que você já ouviu falar. Ele disse que é católico porque a mãe é católica, ele vai na igreja no casamento de alguém e, de vez em quando, no batismo. Então, o sofrimento que envolve o contexto cristão ali, e também as estratégias de enfrentamento positivas, não se enquadram muito. Então você vai estudar muito tempo sobre aquela religião e, quando você vai se

deparar com aquele paciente, você sabe muito, mas a religião faz muito mais sentido para você do que para ele. E o que fazer então? Oferecer uma escuta empática ativa, como o padre disse, e aí você vai identificar qual é a demanda realmente daquele paciente, o que ele sabe daquela religião e o quanto aquela religião está ajudando ou atrapalhando, segundo a sua interpretação. Então, para lidar com pacientes de diversas religiões, você entra no quarto e você escuta mais o que fala. Você escuta mais um pouco, interpreta a fala daquele paciente, e aí você vai identificar. Às vezes, você entra no quadro do paciente que se diz católico, e o sofrimento ou as estratégias de enfrentamento que ele está usando tem muito mais a ver com o kardecismo, com o espiritismo, mas ele se diz católico. Às vezes, ele se diz kardecista espírita, e as questões que envolvem a sua fala tem muito mais a ver com o catolicismo ou de uma forma protestante. Porque às vezes a família é, e ele acabou absorvendo aquilo. Então a minha recomendação, isso que é o que nós fazemos com essa capelania ecumênica, entrar no quarto de paciente independente do que está escrito na ficha, de qual é o nome da sua religião, escutar ativamente de forma empática, se interessando verdadeiramente pela sua fala. E aí você vai conseguir, junto com esse paciente, elaborar estratégias para ajudá-lo nas questões espirituais também.

**João I. Mindler** - boa tarde a todos e todas. Saúdo com carinho a irmã Lia que sempre nos cede espaço na comunidade das irmãs do Hospital Santa Catarina. Eu acho que já começa, para falar em termos de capelania, o nosso linguajar é muito pobre. O termo capelania, capelão, vem de capela, a instituição que tem uma capela, que tem um ministro religioso, padre. E depois, com a reforma protestante, um pastor responsável pela capela. Então eu já começo a questionar no nosso linguajar: é possível falar em capelania inter-fé? Seríamos diplomáticos com essa linguagem, sendo que os budistas não têm capela, tem templo; os judeus têm uma sinagoga, não é capela; e assim podemos continuar. É o primeiro questionamento que eu faço: usar termos capelania, capelão, no linguajar inter-fé. Podemos usar no campo ecumênico entre cristãos, mas não no campo inter-religioso, até por uma questão de respeito com as outras denominações não cristãs. Sobre a questão levantada, a minha experiência, são quase de 33 anos de capelania hospitalar no Sul e quase 28 no Emílio Ribas. Eu acho que tudo se torna bonito, fácil, fecundo na assistência quando você vai no teu trabalho visitar uma pessoa humana. Quando no meu trabalho no Emílio Ribas eu visito a pessoa eu a apoio como ela é, e uma vez que ela se sente acolhida, também ela acolhe quem a visita. No momento que eu recebo no hospital, todo dia, o censo diário, todas as fichas relacionam também qual a religião dele. quem é ele. E a doutora Elisa está aqui - não me deixa mentir sozinho - nossa clientela é de anos, pessoas que se tratam lá no hospital, então ele já sabe quem é o padre João. Mas eu acho assim: a primeira função nossa na assistência espiritual é justamente acolher o ser humano que

precisa do nosso carinho, do nosso apoio, da nossa solidariedade. E muitas vezes um ombro amigo para chorar. Senesta visita amiga, humana, fraterna, ele manifestar o desejo da assistência religiosa, aí muda o caráter da visita. “Padre, eu gostaria de ir à missa”. Ótimo. “Padre, gostaria de receber a comunhão”. Ótimo. “Padre, eu quero uma benção”. Ótimo. “Padre, eu sou evangélico, e como eu gostaria que o pastor me visitasse”. Pois não, conheço a denominação da igreja batista, a Dona Neide que atua aqui na Emílio Ribas é batista, ela vai acionar o pastor para sua assistência. Eu acho que muda de figura. Claro que as crenças e valores são diferentes, cada dominação, cada religião tem seus princípios. Mas eu acredito muito num princípio de Santo Agostinho, para nós católicos, o filósofo Agostinho, ele te faz superar qualquer dificuldade de relacionamento nesta vida. Agostinho nos diz: “nas coisas necessárias precisamos unidade; nas coisas duvidosas, liberdade; mas acima de tudo a caridade”. Se nós levarmos este princípio para nossa atividade pastoral assistencial, eu acredito que muitas dificuldades serão vencidas. Mesmo porque, hoje eu já falava, os hospitais fazem questão da presença espiritual ou religiosa dentro das instituições, quer porque acha importante para o doente, ou às vezes acham importante por credenciações internacionais, para poder cobrar mais. Mas hoje a gente vê que é um espaço muito grande. Então, eu não vejo uma grande dificuldade. Pelo contrário, eu cheguei em 1992 a São Paulo, no clima muito conflitivo de capelania no HC, mas hoje, em termos de Emílio Ribas, eu posso dizer a todos, nós caminhamos juntos, o Marcelo, da capelania espírita, como a equipe da Dona Neide, que é da capelania evangélica, e nós católicos. Nós damos as mãos porque temos como interesse o bem do paciente, o nosso objetivo é o paciente. Não é o rótulo no religioso, não é arrebanhar gente para igreja evangélica ou para outra denominação. Nós queremos o bem da pessoa humana, mesmo que isso nos custe, até... Eu já tive um caso que eu quase recebo uma bofetada de uma auxiliar de enfermagem, que era carismática fanática, que me viu conversando com paciente espírita em fase terminal, que precisava de um consolo para fazer a passagem, segundo ele. E eu consenti, tive que conversar dentro da doutrina da reencarnação para confortar ele. Mas eu acredito que quando existe a caridade, tudo se supera.

**José Bizon** – eu não tenho experiência hospitalar como as pessoas que trabalham com internos, ou em alguma casa de repouso, ou em uma penitenciária. Eu não tenho essa experiência como meus irmãos aqui tem, e minha irmã também aqui do lado. A minha experiência é o diálogo inter-religioso. E a gente parte do princípio daquela palavra de Jesus: amai-vos uns aos outros. E quando nós pensamos amar uns aos outros ou umas às outras, nós tiramos o rótulo. Nós não olhamos raça, cor, etnia, religião. Mas partimos do princípio que a outra pessoa é humana tanto quanto você, tem os mesmos sentimentos, as mesmas esperanças, as mesmas alegrias. Então, somos pessoas que

agem e reagem de acordo com a situação, como elas se encontram. Então diria que nós somos diferentes sim, mas temos irmãos e irmãs na mesma família, somos filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Nós totalmente diferente, gosto diferente, modo de vestir diferente. Até os nossos amigos são diferentes. Somos diferentes. E pertencemos a uma religião diferente. A pastora é luterana, o monge é budista, eu sou católico. Somos de religiões diferentes, mas não podemos deixar que a diferença religiosa, da teologia e da prática religiosa, nos coloque em discussão, em confronto, em desrespeito um para com o outro. Não é porque eu pertencço a essa religião que eu tenho direito ou obrigação de desrespeitar a pessoa que está do meu lado que não é da mesma fé que eu tenho. Então, somos sim humanos, mas somos diferentes, temos regiões diferentes. Portanto são irmãos e irmãs. Somos filhos, todos nós acreditamos num superior: Deus, cada um tem um nome, cada um chama Deus de nome, uma energia, e assim vai. Então, não é pelo fato do meu irmão da minha irmã invocar aquele que ele conhece como Deus ou não que me dá o direito de eu desprezá-lo. Portanto, eu creio que nós somos sim - talvez eu vá dizer uma heresia aqui - eu creio num só e único Deus, e esse Deus nós colocamos nomes diferentes nele. Alá, Yavé, Senhor, Adonai, Oxum. Cada um dá o nome. Mas será que nós temos tantos deuses assim, ou é um só e único Deus que é amor, e nós, para nos unirmos a ele, nós damos nomes diferentes a ele? Portanto eu creio que nós somos irmãos e irmãs. Temos diferenças? Sim! Mas as diferenças não podem dividir mais do que o sistema econômico político está nos dividindo. Então, uma religião que se diz religião, ela não pode dividir ninguém. Portanto, precisamos sentar-nos juntos, nos respeitar, nos amar como somos, não como eu gostaria que a pessoa que está a minha frente, ao meu lado, fosse igual a mim. Existem diferenças sim, mas existem muitas diferenças que querem sentar-se juntas e juntos, conversarmos e conhecermos um ao outro. E não para converter o outro, não para que eu seja convertido pelo outro, mas que nós juntos, na nossa diferença, saibamos colocar a nossa fé e a nossa energia a serviço da humanidade. É isso que a Colisão está fazendo, se eu entendo bem o que a Colisão. Que é o diálogo inter-religioso, que é o diálogo inter-fé. É nós juntos, a partir da diferença, voltarmos nosso olhar para a humanidade, para o bem comum, a causa comum à saúde, à vida, dignidade, assim por diante. Portanto, sentar-se juntos, temos pontos comuns sim, muitas compreensões diferentes, muitos modo de orar, de rezar, é diferente o modo de celebrar. Mas se nós reverenciamos a um Deus e esse Deus é amor, ele não permite que a minha religião, a minha fé me dê o direito de eu jogar uma pedra em uma pessoa porque ela é negra, ou porque ela está vestida diferente, está com hábito diferente, como do monge, ou como da lyakemi. Mas me dá o respeito de nosso caminhar juntos, na nossa diferença. Então, importante trabalhar juntos, diante de tantas dificuldades que nós encontramos, nós devemos criar pontes, criar laços. E perceber hoje, diante de uma sociedade doente, diante de uma sociedade que sofre injustiça, desemprego, violência, drogas. Agora há pouco eu conversava com

meu irmão monge, ele esteve lá na paróquia trabalhando, ele foi lá falar sobre depressão e suicídio. E uma pessoa fala assim: “nossa, padre, ele não é da nossa religião e fala tão bem, né”? Diante de uma realidade que está matando nossos jovens, a droga, violência, suicídio será que minha religião permite que eu mate mais um que está do meu lado, porque ela não reza como eu?

**Joice Aline Klein** - boa tarde a todos. Obrigado pela oportunidade pelo convite. Depois da sua pergunta, eu estava digerindo, quando você me passa o microfone, estava pensando: qual é a resposta para essa pergunta? Eu acho que a gente pode caminhar levando em consideração que o que é importante, o que é válido, é o sagrado do outro. É difícil quando a gente entra em contato com alguém, com uma pessoa que pensa muito diferente de nós, que coloca questões e que entende a doença e enfermidade, o luto e a morte de uma maneira com outros olhos. Com olhos que eu não vejo, com percepções diferentes, com interpretações diferentes. Mas o que é válido é a possibilidade de entender tudo isso, é quando digo que o sagrado é seu. Eu tenho meu lugar. De fato, sou pastora, mas dentro do hospital, quando eu entrei, a primeira coisa que foi o grande debate, era como eu seria identificada. E a conversa lá partiu do ponto de vista onde queremos, um programa de assistência espiritual que não venha de uma tradição religiosa para cuidar dos pacientes, mas um serviço de capelania que presta assistência espiritual. De fato, eu venho de um lugar, mas esse é só o meu lugar. Quando a gente olha para outra pessoa, a gente diz que o lugar dela naquele momento é o primeiro lugar, e ele que precisa ser valorizado em número, gênero e grau, de todos os lados e amplamente defendido. E aí vem uma coisa que é importante: como a gente faz esses diálogos? Há muito tempo, muitas pesquisas vêm sendo feitas e talvez existam escalas e maneiras com que a gente pode ir se aproximando do outro. A gente fala do FICA, fala do HOPE, fala do SPIRIT, caminhos que a gente tem para conseguir entrar em contato com a história espiritual, com a história religiosa daquele paciente ou daquela família, quando às vezes o paciente não tem mais condições de comunicar. Então, a família é o interlocutor. Ela é que vai dizer qual o lugar, e qual foi a relação que esse paciente ou que aquele núcleo familiar - que está tendo em relação ao seu sagrado com aquele momento, que vivem no hospital enfermidade grave de um processo de proximidade de morte, ou de um longo período de tratamento, como que a gente conhece muito câncer e outras doenças que exigem longos períodos de tratamento. O obstáculo é sempre despir-se daquilo que a gente diz que o “meu” é verdade. O “meu” não é mais a verdade, a verdade é aquilo que você me traz. E como que a gente vai conversar com aquilo que é importante para você. Então, de maneira muito sucinta, é isso.

**Ryozan Sensei** - acho que já está dando para notar o quanto tem de comum dentro da diversidade, não é? Um trata com compaixão, outro como empatia, outros em um rótulo. Eu quero um minuto de meditação de vocês. Eu não vou explicar nada, eu só vou pedir uma coisa: que, nesse um minuto, vocês sejam a testemunha de todos os processos mentais que estão acontecendo em vocês, e de todas as sensações - o ruído do ar-condicionado, as sensações térmicas, como que você está tocando o seu pé no chão. Então, você vai ser uma testemunha de tudo que está acontecendo internamente, também sem julgar, sem condenar nem elogiar, apenas observe sem julgamentos. Um minuto, por favor. [...] Obrigado. Eu deixei um pouquinho mais de um minuto porque, quem não está acostumado, sofre demais. A gente põe a culpa nos outros e, quando a gente quer ficar bem, parece que lá dentro tem uma confusão danada. Não dá para culpar ninguém, então é chato. Mas a meditação é o que é chato? Até que não. Alguns, a gente tem que brigar para sair da meditação depois, de tão bom que é. Algumas perguntinhas: alguém aqui pensou se o seu nome termina em “o” ou em “a”? O seu gênero, alguém pensou na sua conta bancária, no seu título de doutorado, no seu rótulo, na sua idade, no nome do seu Deus? Incrível isso né? Esse é o ser humano que o mestre se referia quando é isso que é o que deve ser acessado, porque quando vocês estão nesse estado, e você encontra o seu eu verdadeiro, você está nesse estado. Eu também estou nesse estado, nós somos um. Quando a gente medita, a gente tem a nossa roupa, nossa cor, nossa idade, a nossa diversidade, a nossa individualidade dentro dessa diversidade. Mas esse eu verdadeiro, esse âmago interior, é idêntico em todos nós. E nisso também, em tudo, nessa onipresença de tudo, sem nome ou com o nome, não importa. É a verdade que está manifesta diante de cada um de nós. Se a verdade ainda não estivesse aqui e agora, ninguém poderia acessá-la. Quem lida com paciente terminal sabe tão bem disso. Porque, no minuto final de vida, ele resgata a vida toda, ele ressignifica toda sua vida, ele tem condições de morrer em paz. Essa paz está acessível aqui agora a qualquer um de nós, antes de qualquer curso de pós-graduação. Ela está em nós. O curso de pós-graduação permite que nós possamos ter um caminho para poder acessar e constatar isso que está lá. Então é um caminho do “venha e veja”. Esse é o caminho em que você abre o quarto como um bambu que não está rígido. Ele tem alguma flexibilidade. Então, vem a ventania, tempestade, e ele se adequa. É lógico que a compaixão é importante, é empatia é importante. Mas, se eu entro num quarto e eu digo eu estou sendo compassivo para essa pessoa, está tudo perdido. Não tem alguém que está no patamar. É de âmago para âmago, é de sem rótulo para uma pessoa sem rótulo. E aí os dois aprendem, os dois se enriquecem, e se há obstáculo, a gente também é flexível para o obstáculo. Se aquele monge budista não está atendendo aquela pessoa, então vem um outro monge budista. É como matemática, a gente não pode deixar de gostar de matemática por causa do professor. E assim é a espiritualidade. Então, se há provas acadêmicas, é por isso que nós estamos aqui? As provas

acadêmicas científicas de que a espiritualidade é, de fato, efetivana prevenção da doença, no cuidado da saúde, da manutenção da saúde; se diminui o tempo de doença na internação, se diminui a taxa de recidiva daquela doença, se aumenta o tempo de vida, se dá bem estar e qualidade de vida para aquela pessoa, não é estudo acadêmico. Eu vejo isso em cada quarto que eu entro, eu vejo, no dia a dia do hospital, o quanto que isso é rico. Eu volto a dizer principalmente com o paciente terminal ou em cuidado paliativo, que não tem mais esperança, porque eles nos ouvem de uma maneira muito significativa, porque ele precisa da palavra, de uma constatação própria, como o ar que ele respira. Então, ele deixa de lado esses rótulos muito rapidamente. E você dá aquele caminho, para aquela pessoa possa constatar. Não que você disse para ele o que é. Por exemplo, o que é isso [aponta para uma garrafa de água]? Se a gente perguntar para o auditório, cada um vai dar uma resposta. É um plástico - que não é plástico, é rígido. Um engenheiro tem uma visão, o leigo tem outra. Outro, que está com sede, ele não vê nem a garrafa, ele só vê a água. Cada um vai descrever da sua maneira, mas a maneira de descrever o conceito que cada um tem da garrafa de água não muda o fato. Isso, assim como é, as coisas são como são. E a verdade é algo que independe dos nossos conceitos. O mestre do zen diz assim: "se você percebe, as coisas são como são; se você não percebe, as coisas também são". Independente do conceito de cada um. É isso que a gente precisa acessar. O senhor está com sede, a senhora está com sede? Eu não posso beber água, mas posso molhar o lábio. Ah, o paciente não conversa, ele não tem mais percepção? Vamos fazer prece. O paciente não conversa, mas os familiares podem estar precisando de ajuda. Quem cuida, a enfermeira, o médico, quem cuida precisa de cuidado também. Tudo isso espiritualidade. É chocolate branco, tudo isso é chocolate branco. Sabedoria-compaixão. A morte tem um momento, a vida, o nascimento tem um momento, mas o nascimento-morte é um contínuo. Nós estamos nascendo e morrendo constantemente. As nossas ideias, as crenças, mudam o tempo todo. E, se nós nos damos o direito de mudar, quanto mais aos outros. Nós, que já erramos tanto, que direito nós temos de exigir a perfeição dos outros, nós que somos tão imperfeitos? Muito obrigado.

**Moderador**—Agora vamos falar sobre estratégias de como objetivamente a gente pode acessar a espiritualidade das pessoas. Se eu tenho a minha própria religiosidade, como é que eu vou agir? Uma estratégia poderia ser neutralidade, então eu vou me neutralizar e usar uma linguagem ampla, que enfatize as semelhanças entre as religiões em vez das diferenças. Vamos encontrar o campo comum. Uma outra estratégia seria mudar o interruptor, eu vou falar na linguagem que essa pessoa entende, eu vou usar os idiomas, os rituais, as práticas daquela denominação do assistido. Isso demanda eu conhecer todas essas coisas. Versus uma outra estratégia que é o humanismo, uma via secular para as questões existenciais, também de ateus, agnósticos e afins, poderia ser uma outra

estratégia. Ouseja, trabalhar a espiritualidade mesmo para quem não tem uma religião. Então gostaria que vocês falassem como é que vocês usam essas estratégias, se vocês têm uma específica, se vocês alternam entre estas, como é que vocês agem na prática.

**Alexandre Massariol** - eu estou lendo este livro e recomendo, “a morte é um dia que vale a pena viver”, da professora doutora Ana Cláudia Quintana Arantes. Quem tiver oportunidade, vale a pena. E por que é que eu trouxe este livro? Ele me fez recordar o ano de 2002, quando eu fui chamado para trabalhar na diocese de Blumenau, saindo do estado de Minas Gerais - é um dos melhores estados do país. Mas quando eu cheguei na diocese de Blumenau, eu fui para uma cidade chamada Piçarras, que fica perto de Navegantes, onde fica o Beto Carrero. E qual foi a primeira coisa que eu fui olhar? O mar. E como bom mineiro, eu fui beber água do mar, para saber se de fato era salgada. E por que é que eu estou dizendo isso? Porque a doutora Ana Claudia diz o seguinte: “se você for em qualquer lugar do mundo, água do mar vai ser salgada”. Então, em termos de estratégia, ao meu modo de ver, a estratégia utilizada é: ao tocar uma alma humana seja outra alma humana. Eu acredito que essa é a estratégia que tem me ajudado nesses 10 anos que eu trabalho aqui no hospital. O ser humano, embora com as suas diversidades, é ser humano. E ao refletir sobre essa questão, me veio à mente o primeiro livro da sagrada escritura, o livro do Gênesis. Devemos ter em mente que a sagrada escritura não é um livro jornalístico, não é um livro histórico, mas é um livro teológico, que nos revela a experiência que o povo fez e continua fazendo de Deus. No livro do Gênesis, numa das citações, o autor sagrado diz que “Deus pegou um pouquinho de terra e misturou com água, e formou o barro”. E do barro ele fez o ser humano. Aqui, eu não entrar em questões científicas acerca da criação, mas eu quero entrar em questões hermenêuticas, teológicas, exegéticas. O que o hagiógrafo autor sagrado quis dizer com isso? Que todos nós somos de barro, que todos nós somos efêmeros, que todos nós somos passageiros, que todos nós temos data de validade. Todos temos data de validade, independentemente dos rótulos, da ideologia, da religião e assim por diante. Então, aqui já nos igualamos: todos nós, um dia, iremos passar por essa situação limite que chamamos de morte. Só que Deus não nos criou, homens e mulheres, apenas para morte. Mas Deus também nos criou para que nós tivéssemos algo a mais. E aí, o autor sagrado continua: “daquele barro, Deus insuflou nas narinas o seu ar, o seu espírito, o seu ruá, o seu pneuma”. E daí a palavra espiritualidade, independentemente de religiosidade. Embora a palavra religião venha do latim “religare”, ao invés de nos separar, de colocar muros como vem insistindo o Papa Francisco conosco, deveria ser ponte. Mas Deus nos dá o seu espírito, a sua vida, o seu hálito. Aqui também todos nós somos iguais. Dentro de nós, independentemente de questões epistemológicas, de nomes conceituais, somos seres para as alturas. Isso é espiritualidade, e é interessante que, quando falta

espiritualidade, falta vida. Porque foi a partir do sopro de Deus nas narinas daquele barro que o barro se tornou vivente. Portanto, a grande estratégia é resgatar este ruá, esta espiritualidade, este sopro, este ar. Eu já tive oportunidade de acompanhar pessoas, e aqui faço questão de dizer pessoa porque as questões conceituais traduzem a nossa forma de pensar. Talvez na medicina seja muito comum, mas eu não gosto de utilizar a palavra paciente. Paciente é sentido de passivo, apenas recebe. E para que você possa ajudar o outro a restituir a saúde, você precisa da pessoa. Você precisa que ela queira, você precisa fazer com que ela descubra, dentro dela mesma, um sentido. Então, quando eu vou tocar uma alma humana, eu peço a Deus que eu seja apenas outra alma humana. E aqui nós podemos usar de todas aquelas terminologias que já foram ditas. Simpatia, gosto muito dessa palavra, do grego simpatos: “sim” significa aquilo que junta, é como símbolo, símbolo é o que nos une e o que nos harmoniza. Que é antagônico de diabolos, diabo - não é aquele ser de chifrinho, mas diabolos é tudo o que perpassa dividindo. Símbolo é aquilo que nos une. Então, quando nós entramos para visitar alguém, se nós temos simpatia, ou seja, se nos unimos à dor, ao sofrimento, à angústia, às preocupações, às necessidades daquela pessoa, eu estou sendo uma alma humana tocando outra alma humana.

**Robson Mendes Pedrosa**- gostei de novo, padre. O padre citou uma fala do pai da psicologia analítica, Carl Jung. Ele disse que devemos conhecer todas as teorias, dominar todas técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana. E é o que nós fazemos em capelania. Essa capelania que eu faço hoje. E eu vou explicar, então, porque eu uso exatamente todas essas estratégias. Parece que você foi lá e colou da minha linha do atendimento! Exatamente isso que nós fazemos lá. Porque vou explicar. Existe uma capelania, que o padre citou, capelania religiosa, uma capelania que é exercida por um pastor, por um ministro evangélico, por um padre, por um voluntário espírita. Esta capelania, que é a mais tradicional, é a que domina os hospitais, graças a Deus que ela existe. E existe a capelania que aqui no Brasil não é muito conhecida, a capelania profissional, que é a categoria que eu exerço. Como o objetivo aqui é que cada um falasse da sua experiência, a capelania profissional, nós que representamos esta capelania. Somos profissionais da área da saúde com conhecimento conceitual das religiões, mas somos profissionais da área da saúde que fazemos parte integrante da equipe multiprofissional do hospital. Então, quando nós entramos em um quarto de um paciente, nós deixamos para trás qualquer crença pessoal, qualquer credo que nós possuímos, e nós partimos do princípio que a religião que importa, a fala religiosa que importa, é a do paciente. E, dessa forma, a primeira estratégia é a neutralidade. Porque quando eu entro no quarto do paciente, não é a minha religião que importa. Então, se eu entro no quarto e o paciente tem uma fé diametralmente oposta à minha, de repente, vai ter me incomodar a fala dele. Mas o

meu papel ali é validar se aquela fala religiosa está trazendo benefícios, se está trazendo o bem-estar ao paciente, ou será que esta fala religiosa está trazendo o estresse, sofrimento. Nosso papel ali é identificar essa demanda. Caso a fala religiosa daquele paciente seja diferente da sua, aquela fé, nós vamos identificar: o paciente está com câncer avançado, com uma doença grave, ele ainda está interpretando que “Deus está castigando”, de que isso é um castigo. Então, além do sofrimento físico, emocional, há ainda o sofrimento espiritual. E aí nós vamos contar com ajuda da capelania religiosa, para estar ali intervindo de uma forma mais eficaz. Então, quando nós entramos no quarto, nós aplicamos uma escala de espiritualidade que avalia o que é chamado de *coping* religioso. Existe o positivo e o negativo. É essa a forma de enfrentamento que aquele paciente está utilizando, a sua fé, a sua crença pessoal, para lidar com aquele momento difícil de vida. Se está usando de forma positiva ou se ele está usando de forma negativa. Negativa, não é porque não concordo com que ele fala; negativa é porque está gerando estresse e sofrimento, em vez de conforto. Então, por isto usamos a neutralidade quando entramos no quarto, usamos o jaleco branco, como todos os profissionais. E um dos motivos disto é representar a neutralidade. Sempre que eu dou aula, eu gosto de falar para os alunos que, se você saiu do quarto de um paciente, que tem uma religião completamente diferente da sua, e você saiu nervoso invocado, chutando, “mas que absurdo isso que ele falou”. Mas o paciente ficou feliz, você fez certo, você estava fazendo direitinho seu papel. Agora, se você saiu feliz do quarto, “puxa, evangelizei, eu falei, eu levei a minha fé, aquela que mudou a minha vida”, e você, bem intencionado, foi lá e saiu todo feliz do quarto, mas às vezes outra pessoa entra e o paciente está confuso, “poxa vida, eu estou aqui achando que sabia alguma coisa da vida, já estou no finalzinho, e o religioso entrou aqui e disse que eu vou para o inferno, que além da doença eu ainda vou para o inferno”? Aí você, em vez de ajudar, você acabou gerando mais estresse, mais sofrimento. Então, essa capelania, profissional, porque nós somos remunerados pelo hospital, fazemos parte do corpo clínico do hospital, nós também falamos segundo o discurso do paciente. Se você entrou lá de forma neutra e você, como eu disse na primeira fala, você praticou uma escuta ativa, empática, você prestou atenção de verdade no que aquele paciente estava dizendo, você percebeu ali características daquele discurso religioso. Então, você pode ter uma habilidade de falar segundo aquele discurso. E aí vai o conhecimento, que a primeira pergunta disse, que é importante ter pelo menos uma base disso, para que você possa conversar com um espírita dentro de uma coerência, segundo aquela fé. Eu posso falar com católico da mesma forma, posso falar com um evangélico da mesma forma, que gere *rapport*, que gere vínculo rápido com aquele paciente, e ele possa então se sentir confortável de ouvir o seu consolo, seu conforto. E humanismo usamos bastante na capelania profissional, como também conversa com ateus, atende a ateus e agnósticos, e nesse caso, como ele não crê em Deus, ele não crê em uma

forma de espiritualidade como nós compreendemos, a pergunta seria: o que dá sentido à sua vida então? Muitas vezes você vai ouvir de um ateu, o que dá sentido à vida dele, o que ele considera espiritualidade, seria o relacionamento com a sua família, com seu trabalho, as conquistas que ele teve aqui nessa terra, caso esteja em fase final de vida. E aquilo que para ele significa espiritualidade, aquilo que para ele dá sentido à sua existência. Então, nosso papel é usar essas três estratégias que o doutor Marcelo “colou” lá. Aí, alternando, depende da escuta, depende da interpretação que você tem naquele caso, você vai ser mais neutro, ou você vai usar fala do paciente, ou você vai falar sobre Nietzsche, sobre Marx, se isto faz parte do paciente. E a gente está aí para ajudar e para sair dali deixando o paciente feliz, e não a nossa vontade, ali. Você sai do quarto às vezes cansado, porque você está navegando no universo onde não é muito seu, não é zona de conforto, mas você tá gerando bem estar para aquele paciente, e este é o objetivo de qualquer profissional do hospital quando visita o paciente, é o bem-estar daquele paciente.

**João I. Mildner** – primeiro, gostaria de fazer uma correção. É que o cansaço da gente durante a semana é grande, na correria, que às vezes a gente acaba chamando Jesus de Genésio. Então, peço desculpa por ter chamado a Irmã Ruth de Irmã Lia, mas é que tenho um carinho pelas duas, que é muito grande. Mais uma vez eu peço licença ao dr. Marcelo, que coordena a mesa, de evitar usar o termo capelania. Porque capelania, para mim, se refere ao cristianismo. Eu prefiro usar o termo assistência espiritual inter-religiosa. Mas puxando o gancho do padre Alexandre, ele falando do livro do Gênesis, eu nasci com problema de estrabismo. E minha mãe, a cultura germânica tinha muito presente a leitura da bíblia, ela disse assim, que nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus. E eu ficava me olhando no espelho, e não me conformava como é que Deus pode ser vesgo. Fui fazer a cirurgia depois de 14, 15 anos em Porto Alegre, e no interior do Rio Grande do Sul não tinha recurso. Naquela época, a gente era caolho, vesguinho, e tantas outras coisas. Naquela época era sarro mesmo, gozação, mas hoje ficou mais chique: nós chamamos de bullying. E eu me questionava, e um dia a gente tá falando com papai e mamãe, eles diziam “não, não é forma física que nós somos imagem, é que Deus nos ama e Deus nos pede para amar”. Portanto, para mim, sempre foi muito claro, desde criança, que a nossa imagem e semelhança de Deus é que Deus nos deu o dom de amar, a capacidade de amar sem medidas. Amar como Deus nos ama. E, portanto, no momento que eu amo, eu quero bem do outro, eu quero a felicidade do outro, eu quero a realização do outro, eu quero que o outro se torne mais importante na minha vida. No cristianismo, a lei maior o que é? “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Não é um amor qualquer. Os cristãos têm como referência o amor de Cristo, que foi capaz de morrer numa cruz para que nós tivéssemos vida, e vida em abundância. Por isso, no momento em que eu visito o doente, eu busco ter, lá no Emílio Ribas,

em outras situações, falar na linguagem do amor. Porque essa linguagem é universal. Ela independe de religião, crer ou não crer, ser agnóstico, o amor é universal. Se eu vejo uma mãe amamentar uma criança aqui na Praça da Sé, vou ver em Nova York, Berlim, Londres, Tóquio, e vou ver sempre o amor de mãe, é carinho de mãe. Isso é uma linguagem universal. Por isso, eu não fico muito preocupado com o linguajar, se ele tem que ter neutralidade, se ele tem que ser humanista, isso ou aquilo. No momento que eu amo, eu quero me comunicar. E comunicar dentro do hospital significa acolher o outro com ele é. Quantas vezes, lá no hospital, os doentes, a enfermagem, ou às vezes algum médico, diz: “fulano quer ver você”. Eu chego lá: “pois não, você precisa de alguma coisa”? “Eu quero um abraço!” “Um abraço, mais alguma coisa, não...está bom, tchau”. Às vezes o outro chega e diz “padre, qual foi o resultado do jogo”? E eu entendo tanto de futebol que eu sei quem é o goleiro, juiz e o bandeirinha. “Não sei, mas posso me informar, eu vejo na internet”. Cada um tem seu jeito. Às vezes, alguns sentem necessidade de ficar mais tempo conversando. Ótimo, mas também eu nunca esqueço que, dentro do hospital, mais que as palavras, os gestos tem um peso fundamental. Principalmente os que atuam na área de UTI. Às vezes, o paciente saindo da sedação, você querer bater papo com ele, não vai dar certo, ele vai se agitar e, muitas vezes, tem que voltar a ser sedado. A gente, em vez de ajudar, atrapalha ele. Mas não custa no nosso linguajar de amor um gesto de carinho, um sorriso um abraço, um ombro amigo. Eu acho que é essa linguagem que precisamos na nossa assistência espiritual, é a linguagem do amor. E a linguagem do amor não tem fronteiras nem barreiras. Ela é universal porque o amor é o próprio Deus, como diz João na sua carta. Obrigado.

**José Bizon** -quero recordar aqui um fato que aconteceu. Não, não era vesgo, não. Mas tinha outros problemas viu? Era normal. Dom Paulo Evaristo, em uma conversa com ele, disse que quando ele era criança, ele ia a uma escola. Lá, ele falou que tinha uma escola rural, era ali uma comunidade católica e também tinha alguns luteranos. E naquela época tinha a catequese na escola. Catecismo, às vezes a gente costuma falar. Hoje, você fala de aula de religião, tem outros nomes, aí é uma discussão muito grande. E quando a professora entrava na sala para dar a catequese, dar aula de religião, tinha um amiguinho que se levantava e saía. Daí, imaginem vocês, uma escola rural onde tinha uma sala de aula, onde a mesma professora dava aula para o primeiro ano aqui, o segundo ano aqui, terceiro ano...Acho que muitos de vocês já presenciaram alguma coisa disso na história ou na própria prática da vida. E a professora ia começar a aula de religião, o amiguinho levantava e saía. E ele [Dom Paulo] ficava incomodado com aquilo. Ele se levantava e ia lá. Ficava com o amigo ali no pátio durante o período daquela aula. E um dia professora chamou e perguntou: “Por que todo dia, na aula da religião, você sai? Quem deveria sair é ele, porque quem não é católico é ele. Você devia permanecer na sala”. Ele, ainda pequeno, e sempre foi muito inteligente, sempre muito esperto, ele

disse assim: “eu fui brincar com ele, ele é meu amigo, ele é meu irmão, e eu não queria vê-lo triste. Por isso que eu fui brincar com ele. Não queria ver o sozinho lá no pátio enquanto nós estamos aqui falando de Deus e de religião”. Então a gente começa a perceber o que é neutralidade, humanismo, mudar de interruptor? É a gente saber acolher o outro como ele é, perceber, ter sensibilidade como de fato a outra pessoa é. Numa dessas visitas apostólicas do Papa Francisco, você sabe que tem sempre os bastidores, é que prepara, faz aquelas coisas. E tem um amigo meu que fez parte desses bastidores de uma visita que o Papa Francisco ia fazer. E começaram a discutir: quando Papa Francisco se encontrar com outra autoridade religiosa, como que ele ia chamar, como que ele ia chamar o outro? Sua Santidade? Mas Santidade é o Papa. Sua Eminência? Mas Eminência são os... E começaram aquela discussão, vai daqui, vai que foram minutos, horas a se passar o tempo, discutindo como que seria o tratamento entre um e outro. É irmã, é padre, é monge, é reverendo, é sheik, é pastora, é rabino, é... enfim. De repente, depois de muita conversa, alguém disse: é muito simples um chamar o outro de irmão! Resolveu o problema. Você percebe que a titulação não leva a nada? Eu era recém-formado nessa dimensão do ecumenismo e diálogo inter-religioso, aprendendo como os nossos irmãos aqui falaram, de a gente aprender o outro de humanidade para comunidade. E eu fui falar com um grupo de religiosas lá em Belo Horizonte. Eu estava lá, conversando, falando e, de repente, uma das irmãs da casa, era uma casa de irmãs idosas, e uma estava inquieta. E ela me disse assim: “está muito bonita sua conversa, estou gostando. Mas me diz uma coisa: quantos monges budistas você já converteu para o catolicismo? Quantas pastoras você já converteu para ser freira das irmãs de Santa Catarina? Quantos espíritas você já tirou do inferno? Então, a preocupação da irmã era quantas pessoas eu, na minha vida presbiteral, eu já tinha convertido. Eu falei “meu Deus do céu, que que eu faço agora”? Eu parei, respirei fundo e disse: “gostei da sua pergunta, irmã, pergunta inteligente e que te incomoda muito. Isso foi o que a senhora aprendeu durante toda sua vida religiosa. Ao invés da gente conviver, a gente tem que converter o outro. Eu também estou trabalhando para minha e para sua conversão, para que você e eu, nós nos converteremos para dialogar com o outro. Que eu saiba dialogar, que eu saiba respeitar, e assim vai”. Então, eu creio que dentro dessa neutralidade, humanismo, mudar de interruptor, eu colocaria amar, acolher a pessoa como ela é, se homem, se mulher, se crianças, se branco, se gordo, enfim a pessoa como ela é. Respeitar o modo dela de ser. Eu devo te respeitar. Se eu não respeitar, não existe diálogo. E ser solidário no momento em que ela está vivendo. Alguns anos atrás, era dia do meu aniversário, e sempre tem surpresa. Não sei na vida monástica budista, na vida de pastor da igreja luterana, tem sempre aquela surpresa, aquele burburinho, aquele buchicho, todo mundo fazendo surpresa para o padre, para pastora, para o monge, não é assim? É festa surpresa e todo mundo sabe, e a gente sabe também. A gente faz de conta que não sabe: “ah, meu Deus, que alegria...”. E chegou lá na casa na

Casa da Reconciliação uma senhora, que eu nunca tinha visto, pela primeira vez ela chegou com um ramallete de flores. Uma mulher, ela hoje já é falecida, era metodista, e ela chegou com um ramallete de flores, lindo, lindo. Aquelas rosinhas vermelhas pequeninhas assim, eu nunca tinha visto a rosinha. Eu falei: “nossa, não mereço tudo isso”. Ela olhou para mim e falou: “e quem disse que é para você”? Eu falei: “então para quem que é? O aniversariante sou eu”. Ela falou assim: “lá na sua capela na Casa de Reconciliação - tem um oratório pequeno onde a gente reza; Dom Angélico diz assim: “quem não reza vira bicho”, e ele diz assim: “quem não lê um bom livro se torna um padre perigoso”. Aí eu falei para a senhora metodista: “então para quem que é”? Ela falou: “você pensa que eu já não fui lá na sua capela, no seu oratório? Lá tem uma imagem da Virgem Maria; é para ela, não é para você”. Então, a gente vai percebendo como que as coisas vão sendo superadas. Ela sabia amar e respeitar. E naquele gesto, ela oferecia também algo que fazia parte da vida dela também. Então é preciso a gente respeitar, acolher, amar, e ser solidário, nas mais diversas realidades. Não é assim, Iyakemi?

**Joice Aline Klein** -são tão belas as contribuições que, chega no final, vai começando a faltar o que falar. São de lugares tão diferentes, e contribuições tão intensas, que dizem muito a respeito do dia a dia que eu tenho no hospital. Acho que a primeira coisa é acolhimento ao indivíduo, acolhimento integral e pleno ao ser humano que a gente encontra no quarto. Seja ele em condições de contato ao não, ou com a família que está ali. Porque a gente precisa entender que ninguém vai para o hospital por opção, mesmo que vá fazer uma cirurgia plástica. Ir para o hospital por uma coisa maior, por uma coisa menor, causa em qualquer pessoa um tipo de desconforto de estranhamento, de “não queria estar aqui”. Mas ir para o hospital demanda daquela pessoa e daquela família, porque é o núcleo inteiro que faz esse movimento, não uma única pessoa que vai para o hospital. Um movimento de energia e de demandas espirituais, emocionais e físicas, que pode acabar em algum momento ser desgastado ou confrontado com alguma coisa para o que não estaria preparada. Então, quando quem realiza a assistência espiritual, quando a gente entra em contato com outra pessoa, por mais que a gente possa ler fichas, por mais que a equipe de enfermagem nos diga quem é mais ou menos aquela pessoa, aquela família, quando a gente olha o prontuário, é uma surpresa quando você passa daquela porta e você olha quem está ali. E aquela pessoa está lá para conversar com você, às vezes mais ou menos disposta, às vezes a gente ouve um “não, agora, não obrigado”. Ou aquela ideia de que você entra para fazer um acolhimento de fim de vida ele diz “não, ainda não é a hora; talvez daqui uns dias você possa voltar”. Cada quarto é sempre um ambiente novo, que precisa ser respeitado e valorizado. E, realmente, isso a gente precisa ter muito claro. E uma coisa que eu vi uma vez, e acho que talvez seja uma das grandes verdades, a gente vai estar com aquela

peessoa, com aquela família só 15 minutos, ou uma hora, ou algumas vezes na semana, e meses, em alguns momentos. Mas a fé dela, é história religiosa dela, história espiritual dela, faz parte da vida dela, a vida toda dela. Então, a gente não pode vir com pressuposto de que a gente muda alguém; a gente tenta compreender esse sagrado, e essa construção de vida espiritual e religiosa que aquela pessoa constrói. E entender qual é o papel que a gente tem nesse cuidado. E aí, a gente olha para cada uma dessas coisas quando a gente entra no quarto, e a gente diz “bem, por que caminho eu vou ir”. Porque ela pode se dizer católica na ficha, para evitar perguntas, por que fica mais fácil que é católico, do que dizer que é ateu, ou dizer que é da umbanda, ou dizer que é do candomblé. É mais fácil às vezes só dizer “sou católico”, que evita perguntas, evita constrangimentos. Então, digo que sou católico e pronto. Mas quando você entra no quarto, e você vai conversando, você vai vendo que ali tem outros elementos, que são muito importantes para a religiosidade e para fortalecê-la no processo de enfrentamento daquele momento. E aí, a gente vai identificar se é enfrentamento um poucopsitivo, um pouco negativo, o quanto que aquilo está sendo benéfico para ela, ou para aquela família, naquele processo que eles estão vivendo. E é muito importante ter parcerias: com a equipe assistencial, com as enfermeiras, com os técnicos, com o pessoal da higiene. A gente precisa de parceiros que circulem nos andares muito mais até do que nós. É importante ter parceria com a equipe médica. E aí, parceria com os religiosos. Esta capelania religiosa, que vem e que é muito fiel aos seus membros. O ancião das Testemunhas de Jeová, o pessoal dos samaritanos que vem da Federação Espírita, os ministros da eucaristia, a gente precisa ter essas parcerias. Porque ritos religiosos são importantes. Eu lembro, uma vez, de uma paciente que teve uma tentativa de suicídio, e ela sobreviveu à tentativa. E eu já tinha tido algumas conversas com ela. Era muito católica. E ela estava numa profunda angústia pelo que ela tinha feito, porque ela sabia que aquilo era um pecado e que aquilo a condenaria. O padre veio, o que ele fez em 5 minutos, eu não tinha conseguido fazer em uma semana de conversas diárias de uma hora. O padre veio, fez a confissão de pecados, entregou a eucaristia, e de repente ela estava bem. Eu pensei “ba, se tivesse vindo antes”. Tem coisas que a gente precisa confiar a mãos sagradas. O sagrado do outro possui toques de sutilezas e passa por ritos que não sou eu que vai celebrar. Por isso que é tão importante o papel do capelão, do assistente espiritual, que identifica isso e entrega na mão de outra pessoa. Porque, por mais que eu tenha realizado uma série de processos de conversa, de confissão, não era ritualizado. O rito é importante, a gente precisa reconhecê-lo. Lembro de outro caso de um paciente era um homem que era ateu, e a coisa mais importante para ele era toda terça-feira ir ao MASP e ver as obras da Tarsila. E o abalo dele era que ele estava internado, e que ele não podia mais ver as obras da Tarsila. Aí, o que a equipe de enfermagem fez brilhantemente: imprimir um monte de obras e colar no quarto inteiro. Esse era o sagrado dele. Ele era um ateu, mas o religioso dele, a espiritualidade dele se nutria

da bela arte. Então, sem pressupostos, não existem respostas certas, existe a possibilidade de conversar e de reconhecer qual é o sagrado do outro, não só o nosso.

**Ryozan Sensei** - eu igualmente acho que eu vou, também, falar mais do mesmo. Mas é essa questão relacionada com a estratégia, até com um pouquinho com a primeira pergunta, que nós respondemos a respeito dos obstáculos. Mas os próprios obstáculos são portais. Quando você vence o obstáculo, é um aprendizado, e você anexa aquilo na experiência e na tua sabedoria de vida. É como o exemplo da matemática. Quando a gente estava lá, sabia fazer conta, tabuada, tudo, de repente aparece um “x” lá no meio. Qual o valor do “x”, meu Deus, que é isso? Como é que resolve uma equação. Mas depois que a gente aprende, aprendeu, não esquece mais. Então, aquilo que era tão difícil, quando a gente anexa no nosso cotidiano, virando algo trivial que pode auxiliar muito. Esse exemplo que a pastora dá. De todo o budismo, a parte de que eu menos gostava era a liturgia, as cerimônias. Eu não via sentido naquilo dentro do budismo. Mas, quando você está desesperado, tentando ajudar uma pessoa desesperada, e as argumentações falham, e você leva aquela pessoa para frente do altar da compaixão, e você faz uma prece, é aquela pessoa sai de lá renovada, resgatando a sua paz interior, é para isso que serve. Esse é o poder da prece. Uma vez eu fui convidado no hospital para cuidar da mãe de um médico e, com imenso carinho, eu fui atender essa mãe que já estava no estado terminal. Nada apaziguava essa senhora, nada. Eu tentei de tudo e a família, eu ficava desesperado junto com ela. A gente até tentou um conselho de ética para analisar o que seria melhor, fazer uma cirurgia e tentar algo e pelo bem-estar daquela pessoa, que a recuperação dela praticamente não ia acontecer. Ou, então, deixar que a natureza acontecesse, e ela visse pouco sofrimento. Então, situações muito relacionadas a ética são muito delicadas. E um dia, eu entrei no quarto e eu me lembrei de uma prece. Eu disse para ela: “eu posso ensinar para a senhora uma prece de quatro palavras”? Eu ensinei. E aquilo apaziguou aquela senhora e a família. Aquilo foi uma coisa mais inacreditável de que eu já tive experiência. Porque nem é uma prece budista, é uma prece do professor Hermógenes, já falecido, da yoga; eu mudei a ordem das duas primeiras palavras. A prece dele é assim: “entrego, confio, aceito e agradeço”. Eu digo: “confio, entrego, aceito e agradeço”. Pronto. Ela soube ter o apoio onde ela pudesse se apegar para poder viver os últimos momentos da vida dela com bem estar. Qual é a melhor estratégia? Todas! Essa é a melhor estratégia. O budismo diz assim, principalmente o zen, ele diz: “nós já somos o que nós queremos nos tornar”. Mas se não houver uma prática, você não consegue colocar aquilo em ação, você não consegue realizar aquilo no seu cotidiano. Então, a gente diz assim: a grande questão budista, o âmago, a mensagem budista, talvez seja a questão da onipresença do sagrado. Eu gosto muito de um diálogo em que o discípulo vai até o mestre e pergunta: “mestre, onde está Buda”? E o

mestre responde com uma pergunta: “onde não está Buda”? Então é onipresença, percebe? Se é a onipresença do sagrado em tudo, então nós já somos o que nós queremos nos tornar, já somos o sagrado. A grande questão é: se nós já somos o que nós queremos nos tornar, é preciso um meio hábil, o meio expediente que nos aponte isso. Agora, se tudo é natureza Buda, alguns seres podem ter o estado de Buda, ou seja, manifestar sabedoria, compaixão suprema. Agora, como que essa pessoa que conseguiu esse despertar, essa iluminação, como que essa pessoa age? Porque não tem uma receita de bolo. A verdade é inefável, não dá para ser colocada em palavras. A gente diz muito: os grandes mestres que iniciaram os movimentos religiosos evitaram deixar coisas por escrito. Porque se você coloca por escrito, você mata aquilo. Porque a questão da adequação é você ser flexível, você ter bom senso. É a mesma coisa. Como é que você ensina uma pessoa a ter bom senso? Eu costumava dizer muito isso: a gente vem para esse mundo nu. Nós, todos os animais, vivem nus, não tem nada de errado com a nudez. Nada a não ser o preconceito, né? Mas, para eu estar adequado como monge na palestra, eu estou vestido como monge, estou adequado. Quando eu sair daqui, já está inadequado eu estar vestido como um monge. E se eu for tomar banho, então, vai estar mais inadequado estar vestido. É mais adequado estar nu. Mas estar aqui nu, dando a palestra, é completamente inadequado, percebem? Não tem nada de errado com a nudez. Como é que eu ponho isso por escrito? “olha, você tem que analisar...”. Mas a gente nem pensa, e a gente vem vestido para dar uma palestra. Esse é o outro lado da compaixão. Quando a gente usa de compaixão de forma adequada, talvez o melhor ato de compaixão que funcionar é puxar a orelha da pessoa é dar uma palmada. Na criança, para não se estragar, se ela está se prejudicando, opa, compassivamente mude. Saber ouvir, saber respeitar a natureza do outro. Mas se a natureza do outro está errônea, se ele tá prejudicando os outros, a gente tem que usar algo para transformar. Uma palmadinha ajuda tanto. Compassivamente. Falando de compaixão, o Dalai Lama, que nem é da minha tradição, é do budismo tibetano, ele diz: “se você quiser fazer com que a outra pessoa seja feliz, aja com compaixão; agora, se você quiser ser feliz, aja com compaixão”. O budismo também tem algumas coisas arrasadoras, né? Ele diz assim: a questão da realização, não existe nenhuma diferença entre um ser humano, não é que existe um Buda, ele pode estar no estado de Buda. Não existe uma aposentadoria búdica. Você despertou uma vez e continua sempre iluminado. A gente continua errando e aprendendo. Não tem um limite de aprendizado, não é verdade? Então, existem ações de Buda, como o Buda agiria, como Jesus agiria. Então, a pessoa pode sair da comunhão, mas chega lá na rua e faz algo errado. Então, existe ação iluminada, desperta, o treinamento é aprendizado. Eu me perdi no que eu ia dizer... olha como a falha acontece, né? Não existe nenhuma diferença na realização da pessoa, ser humano comum, no cotidiano, ou da realização de um monge. Essa realização é uma realização, não é melhor nem pior quando ela acontece. Então, porque se

tornar monge? Porque você tem um comprometimento na questão tática de como que você pode fazer para propiciar nesses meios expedientes, que são muito benéficos para aquela pessoa. Como que você devolve o benefício que você recebeu. Então um dos votos do bodhisattva diz assim: “os portais do darma são ilimitados, faço voto de aprendê-los”. O que significa isso? Que os caminhos dos ensinamentos podem usar os métodos mais diversos que existem. Eu me comprometo, sabendo que ele é ilimitado, aprender todos. Então, é essa a grande diferença do professor de matemática e do aluno de matemática. O aluno pode ganhar o prêmio Nobel de matemática, o professor não. Mas o prêmio Nobel pode não ter didática nenhuma para dizer porque ele ganhou o prêmio, percebe? Essa é a diferença. É por isso que a gente se identifica como médico, como ministro religioso. É para se disponibilizar para o outro. “Olha faz assim; reze; vem cá, vamos fazer uma liturgia; vem cá, você está precisando de uma palmada; de chocolate branco; nada...”. Às vezes o chocolate branco ajuda, e às vezes precisa perguntar para o médico. Eu costumo dizer assim: o açúcar não é doce? Ele é doce para diabético também. Mata o diabético. Mas continua doce, né? Aprendizado, adequação, bom-senso, experiência de vida, sofrimento, corrigir os erros. A gente não aprende com os erros, a gente aprende com a correção dos erros. E se a gente pudesse jogar os nossos sofrimentos no lixo, no esquecimento, todo mundo adoraria fazer isso né? Mas você teria que jogar junto no lixo a sua sabedoria também, sua vida. Então está certo, o sofrimento está certo. A morte é adequada, ela é necessária. Alguém aqui gostaria de viver com saúde, com consciência e tudo, até os 600 anos de idade? Acho que eu me cansaria um pouquinho do Jornal Nacional com 600 anos de vida, não é? É tão sábio é tão maravilhoso. A grande receita é nós sabemos ter apreço pela nossa vida, sabemos apreciar a nossa vida, hoje, aqui, temos gratidão pela nossa vida hoje aqui agora, não amanhã. Aqui, que delícia, como foi bom. Se eu pudesse voltar atrás eu repetiria tudo de novo. A mente saudável sofre, o luto é um elogio à vida, porque se a vida não fosse boa, a gente não sentiria tristeza pela perda das pessoas queridas. Esse resgate de poder, “se eu pudesse fazer novamente, eu faria tudo de novo”, é curador!